

Sociomuseologia, Museologia Social e a Sociologia dos Museus:

Mário Moutinho¹

*Sociomuseology, Social Museology
and the Sociology of Museums*

Este artigo tem por objetivo assinalar algumas diferenças sobre o uso dos termos *Sociomuseologia*, *Museologia Social* e *Sociologia dos Museus*. Em nosso entender trata-se de assuntos relacionados entre si mas distintos conceitualmente.

Ao abordar estes temas, este artigo contribui para um debate em curso sobre os limites e intersecções conceptuais da Sociomuseologia, da Museologia Social e da Sociologia dos Museus, estimulando uma compreensão mais aprofundada dos seus respetivos papéis na museologia contemporânea.

O Departamento de Património Cultural e Museologia da Universidade de Fudan, em Xangai, publicou recentemente um artigo da Professora Zhou Jingjing, intitulado "Integridade e Inovação: Reflexões sobre a Sociomuseologia (Museologia Social) e a sua Aplicabilidade na China"². Este artigo é significativo para considerar o papel dos museus e da museologia na sociedade chinesa e, por extensão, na sociedade global contemporânea. Dada a evolução do pensamento museológico na China³ — sobretudo após a criação dos ecomuseus e o estabelecimento dos Princípios de Liuzhi — é natural reavaliar o futuro da Museologia Normativa (Clássica), bem como o papel evolutivo da Museologia Social à escala global.

Este artigo aborda também certas ideias centrais, ora reforçando argumentos-chave, ora oferecendo perspectivas complementares que exigem maior flexibilidade conceptual. Destaca três questões principais, relevantes para além do contexto chinês:

- a) A Museologia como objeto de estudo da Sociologia
- b) O lugar da Museologia Social e da Sociomuseologia na museologia contemporânea
- c) Questões de profissionalização e especialização em museologia

A Museologia como objeto de estudo da Sociologia

O primeiro ponto diz respeito à Sociologia da Museologia, geralmente desenvolvido no campo dos chamados *Museum studies*, consideramos que se trata de uma questão de maior relevância. Naturalmente são referidos os pensadores de várias gerações que direta ou indiretamente trataram esta questão. Dos mais antigos como Karl Marx aos mais recentes Pierre Bourdieu, Michel Foucault e outros, todos contribuíram à sua maneira, para que a Museologia se tornasse um objeto de estudo no campo das Ciências Sociais. Temos

¹ Coordenador do Doutoramento em Sociomuseologia na Universidade Lusófona de Lisboa. Membro da Comissão Diretiva do Comité Internacional para a Museologia Social SOMUS-ICOM <https://orcid.org/0000-0003-0078-6894>, mario.moutinho@ulusofona.pt

Investigador AGRIN - Corpos Geradores: da agressão à insurgência. Contributos para uma pedagogia decolonial" Project Ref.: 2022.06269.PTDC

² (2024). Zhou Jingjing. Integrity and Innovation: Reflections on Sociomuseology (Social Museology) and Its Applicability in China. Southeast Culture (02), 129-138. doi: CNKI:SUN:DNWH.0.2024-02-012.

³ Ver por exemplo (2011) Peter Davis, Ecomuseums, a sense of place, Bloomsbury Publishing

hoje livros, artigos e escolas de pensamento, que ajudam a compreender o lugar dos museus na sua relação com os seus públicos, com o lugar da Memória e da Memória ativa, enquanto princípio fundador da Museologia, enquanto lugares da construção de narrativas hegemónicas e contra narrativas insurgentes.

Todos estes temas tratados pela Sociologia, contribuíram e contribuem na verdade para o entendimento do lugar e da função dos museus e dos processos museológicos na sociedade contemporânea. Mas da mesma maneira que reconhecemos esta atenção sobre os museus, reconhecemos que existem outras abordagens qua partem da Antropologia, da Psicologia, da Psicanálise, da Economia, do Marketing, dos estudos de Público, da Comunicação, que tratam também com profundidade novos e específicos campos da Museologia e dos Museus

Fácil é reconhecer que nos últimos 50 anos, estas abordagens se tornaram um importante campo de reflexão das Ciências Sociais assinalando, no entanto, o facto que muita desta reflexão se ter realizado procurando articular várias áreas das ciências sociais de forma interdisciplinar. Da mesma forma que se reconhece uma Sociologia do Trabalho, da Educação ou da População, também podemos assumir uma Sociologia dos Museus ou da Musealidade. Esta Sociologia é, no entanto, essencialmente de língua inglesa como Zhou Jingjing apresenta num outro artigo⁴ publicado em 2023.

No entanto, ao pensar a Sociologia dos Museus, forçoso é reconhecer que estes autores sempre tiveram por referência a Museologia normativa expressa na trilogia que identifica cada Museu como o conjunto **edifício, coleção e Público**⁵. Tal é verdade por exemplo com Adorno para quem:

a palavra alemã, ‘museal’, tem conotações desagradáveis. Ela descreve objetos para os quais o observador não tem mais um relacionamento vital e que estão em processo de morte. Devem sua preservação mais ao respeito histórico do que às necessidades do presente. Museu e mausoléu são conectados por mais que uma associação fonética. Os museus são como os sepulcros da família de obras de arte. Eles testemunham a neutralização da cultura.⁶

Igualmente é verdade para Michel Foucault, que nos pós-Maio de 1968 elaborava o seu pensamento sobre os Museus, tendo por referência exclusivamente os Museus normativos, ignorando que no seu próprio país, tanto como na Bélgica, na Canadá, no México e tantos outros países, os Ecomuseus, já então reconhecidos como expressão da “Nova museologia”, representavam um pujante movimento de vida. de descentralização, de desenvolvimento e de valorização das Culturas locais.

(...) the idea of accumulating everything, of establishing a sort of general archive, the will to enclose in one place all times, all epochs, all forms, all tastes, the idea of constituting a place of all times that is itself outside of time and inaccessible to its ravages, the project of organizing in this way a sort of perpetual and indefinite accumulation of time in an immobile place, this whole idea belongs to our modernity. The museum and the library are heterotopias that are proper to western culture of the nineteenth century.⁷

A Sociologia da Musealidade tem seguido 2 caminhos facilmente identificáveis. No primeiro caso a reflexão parte de áreas consolidadas das Ciências Sociais para a Museologia normativa (Marx, Weber, Adorno, Durkheim), e noutros casos, parte da Museologia para a Ciência Sociais. (Per Uno Agren, Zbynek Stránsky, Anna Gregorova, Peter van Mensch, Marta Arjona, Sharon Macdonald, Vinos Sofka, Geoffrey Lewis e outros

E estes 2 caminhos têm-se revelado da maior importância e devemos reconhecer que constituem atualmente uma área do conhecimento robusta e dinâmica que finalmente deu à Museologia o reconhecimento como área disciplinar. Estamos longe da Museologia entendida como um conjunto de técnicas próprias para organizar coleções e Museus.

⁴ (2023) Zhou Jingjing, Chen Meici, Review of interdisciplinary research on “Museums and Sociology”, Journal of Archaeology and Museology 4, ISSN : 2096-5710

⁵ Esta trilogia é geralmente reconhecida na museologia social como Território + Património + População

⁶ Theodor W Adorno, Prisms, Valéry Proust Museum, Series: Studies in Contemporary German Social Thought, The MIT Press; Reprint edition (March 29, 1983) p. 173

⁷ Michel Foucault, Of Other Spaces (1967), Heterotopias, Architecture /Mouvement/ Continuité, October, 1984 p 46-49

De lado, fica o estudo das atividades de natureza curatorial dos museus, centrado nas questões de curadoria das coleções, nomeadamente a salvaguarda e segurança das coleções, a documentação museológica, os processos de conservação e restauro a arquitetura de edifícios, de mobiliário, o design de exposições. Todos estas áreas de atividade que atualmente podem ou não ter recurso a novas tecnologias e a novos recursos de computação, acabam agora por ser tratadas essencialmente como técnicas especializadas essenciais ao funcionamento dos Museus. Perderam, no entanto, o seu lugar hegemónico que anteriormente tinham como constituindo o essencial da “Teoria” Museológica.

Julgamos, no entanto, necessário assinalar que o título do artigo *Reflections on Sociomuseology (Social Museology)* pode induzir o leitor a aceitar que o termo *Social Museology* pode ser entendida como significando *Sociomuseology*, sendo o inverso igualmente possível. Trata-se naturalmente de uma simplificação sem fundamento pois os 2 termos referem-se a conceitos diferentes, a saber:

1- A **Museologia Social** refere-se no essencial às práticas museológicas dialógicas, de base comunitária, nas suas diferentes formas, marcadas que são pelo contexto e objetivos em que foram criadas: museus sociais, museus comunitários, ecomuseus, museus de favela, museus locais, museus de território, museus de percurso entre outros.

Desde a declaração do Québec de 1984, na qual se invocava a própria Declaração da Mesa Redonda de Santiago do Chile (ICOM / UNESCO) de 1972, que estas duas dimensões *Diálogo* e *Comunidade* são os elementos que caracterizam as transformações da museologia, então denominada genericamente por “Nova Museologia”.

Estes 2 conceitos, *Diálogo* e *Comunidade*, significam por um lado um corte com gestão dos museus instituída de forma hierárquica e não partilhada, entregue a diretores e capazes. mantendo-se centrada no próprio museu, enquanto o conceito de comunidade faz apelo à participação orgânica das comunidades onde cada Museu ou Processo museológico estão inseridos.

São museus e processos que tal como exposto na Declaração do MINOM do Rio de Janeiro de 2013⁸ assumem a necessidade de:

- Quebrar hierarquias de poder, a fim de que surjam novos protagonistas de suas próprias memórias;
- Compreender os museus comunitários como processos políticos, poéticos e pedagógicos em permanente construção e vinculados a visões de mundo bastante específicas;
- Reconhecer que todos esses museus e processos museais assumem seus próprios “jeitos” de musealizar e se apropriam e fazem uso dos conhecimentos do modo a melhor servir cada projeto;

2- A **Sociomuseologia** refere-se a uma Escola de Pensamento que procura esclarecer princípios e valores comuns que estão presentes nos Museus e Processos Museológicos de base comunitária e que assumidamente atuam de forma dialógica. Como assinalou Hugues de Varine, referindo-se à Sociomuseologia⁹:

Estamos perante uma disciplina académica confirmada e reconhecida, com as suas três dimensões de investigação e experimentação, ensino e publicação, independente, mas solidária com a corrente histórica da museologia e das suas instituições.¹⁰

Esta denominação (Sociomuseologia) foi cunhada por Fernando Santos Neves em 1993 quando da criação da Revista Cadernos de Sociomuseologia¹¹, ou seja, há mais de 30 anos. Desde então o número de publicações, de projetos de investigação, de teses de doutoramento e de dissertações de Mestrado, de

⁸ Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM) afiliado ao ICOM, foi criado em Lisboa em 1985 no seguimento do Atelier Internacional Ecomuseus - Nova Museologia, realizado no Québec no ano anterior.

⁹ Esta denominação (Sociomuseologia) foi cunhada por Fernando Santos Neves em 1991 quando da criação da Revista Cadernos de Sociomuseologia.

¹⁰ Varine, Hugues (2021) Prefácio do livro Primo, Judite. & Moutinho, Mário. Teoria e Prática da Sociomuseologia. Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas. p.15.

¹¹ <https://museologia.ulusofona.pt/publicacoes/cadernos-de-sociomuseologia>

Museus e Processos museológicos, de redes de sociomuseologia, de oferta de formação específica ou complementar nos diferentes níveis de ensino, de conferências e colóquios nacionais e internacionais, não tem cessado de aumentar.¹²

A Sociomuseologia, enquanto Escola de Pensamento, assume assim:

- uma historicidade consistente;
- as dimensões de uma prática consolidada;
- um corpo teórico progressivamente mais robusto;
- uma necessidade social de compreensão das práticas do terreno;
- espaço de formação e investigação científica no campo das Ciências Sociais, caminhando e dialogando com elas, nos seus campos específicos de intervenção.

Finalmente, importa também esclarecer que a ligação orgânica entre Sociomuseologia enquanto Escola de Pensamento e as diferentes formas de Museologia Social não pressupõe qualquer hierarquia:

Imaginar uma Sociomuseologia distinta das diferentes formas da Museologia com responsabilidade social ou imaginar distinções decorrentes de uma leitura geográfica apressada, parece ser um embuste que cria separação onde ela não existe. Em um mundo marcado por novas formas de colonialidade, escancaradas e subtis, a separação entre teoria e prática, na qual a Sociomuseologia teria o estatuto do pensamento e a Museologia Dialógica o estatuto do “trabalho braçal”, também não tem sustentação. Teoria e prática são os dois lados de uma mesma folha de papel. O que une organicamente ou dialeticamente o “fazer e o pensar” da Museologia Dialógica é a capacidade de pensar criticamente a Museologia e o lugar que cada um ocupa na releitura do mundo, na compreensão dos desafios locais e globais e da sua superação. (MOUTINHO, 2007, p. 1).

Ambos termos têm razão de existir, mas não devem ser entendidos como significado um do outro, passíveis de serem utilizados indiferentemente.

O lugar da Museologia social e da Sociomuseologia no quadro da museologia contemporânea

No seu artigo, Zhou Jingjing apresenta com clareza a Museologia social tratando sucessivamente da sua origem na nova Museologia, os documentos de referência UNESCO, declarações produzidas no quadro de conferências internacionais nomeadamente a Declaração da Mesa Redonda de Santiago, reconhecida como documento de referência para compreender as transformações de sentido e significado da museologia contemporânea

Igualmente coloca, e bem, a importância de compreender uma Museologia centrada sobre os objetos enquanto portadores de significados e a Museologia centrada sobre as pessoas e como esta têm vindo a formar-se como um pujante movimento a nível mundial.

By the end of the 20th century, museumologists had two completely different methodological choices: object-oriented and community-oriented. In this context, social museology and other related branches emerged to adapt to complex social situations (...)

However, as museums continue to open up to the external environment, they have established an unexpected organic relationship with the social environment that gives them life. The birth of social museology is to deal with the new problems highlighted in this practice, so it is not only a new academic branch, but also an academic existence

¹² Na página do Comité Internacional para a Museologia Social (SOMUS/ICOM)¹² estão mencionadas algumas destas iniciativas nomeadamente em português, francês, espanhol e inglês. Muitas das referências citadas, estão publicadas em português, diretamente acessíveis aos leitores de Português e de Espanhol num universo de 780 milhões. Pena é, que a generalidade dos autores de língua inglesa, não tenham acesso à vasta produção em língua espanhola ou portuguesa. Isso talvez facilitasse a sua abertura para o espaço ibero americano e a sua imensa riqueza museológica de reflexão e de práticas inovadoras.

engraved with the imprint of the times. (...) At the same time, the stimulating interaction between schools and the continuation of the ideas of different schools are the important driving forces for the development of museology. This article attempts to eliminate the confusion and prejudice of the new school with a rational and open attitude, and objectively recognize and evaluate social museology and related branches, so as to promote its practical benefits.¹³

Estas preocupações partem, no entanto, do atendimento que a “verdadeira” Museologia tem por base as coleções de objetos. The author believes;

that the collection and use of museum objects *are the essential characteristics¹⁴* of museums. The real focus of contemporary attention to "people" is actually "how to make people use objects effectively", so museology needs to explore how to effectively realize the publicization of information contained in museum objects¹⁵.

Se tal pretensão era possível quando nos referimos à Museologia Normativa, tal já não nos parece aceitável no tempo atual onde “Objetos” e “coleções” têm vindo a adotar novas definições, passando pelo próprio questionamento sobre o seu lugar na Museologia e nos Museus.

Como a própria autora assinala, a UNESCO entendeu e bem, anunciar uma Recomendação em 2015¹⁶, afirmando os museus deem assumir a sua responsabilidade social em favor da inclusão social, recomendando aos governos que favoreçam e promovam essas objetivas junto dos seus museus podendo nos acrescentar com recurso aos meios tradicionais ou fazendo apelo a novos instrumentos e meios onde os objetos podem ou não ocupar um lugar hegemónico no fazer museológico. Estamos em presença se um processo onde nada se perde, mas onde se torna possível recorrer a outros meios e consequentemente outras metodologias.

A recente criação do **Comité Internacional para a Museologia Social SOMUS-ICOM** no seio do Conselho Internacional dos Museus com o apoio nomeadamente de museólogos, ativistas, professores, investigadores e lideranças comunitárias provenientes de 30 países, de 4 continentes com o apoio de 7 Comissões nacionais do ICOM, revela que a Museologia social está bem viva e atuante em todo o mundo e não apenas nos países de língua portuguesa, como por vezes o texto deixa supor.

Lembremos que a fundamentação para a criação deste Comité indica 3 aspectos essenciais: Necessity, Justice and Determination

1. Necessidade: A necessidade de integrar plenamente, no ICOM, os museus e os processos comunitários dialógicos, como parceiros iguais na Museologia global.

2.º Justiça: Justiça, porque é um imperativo ético reconhecer o trabalho e a dedicação de pessoas e comunidades que, em muitos lugares do mundo, colocam frequentemente a sua liberdade e as suas vidas em risco.

¹³ Zhou Jingjing, 129-130

¹⁴ Itálico nosso

¹⁵ Zhou Jingjing, 135

¹⁶ (...) (...) 16. Os Estados Membros são encorajados a apoiar a função social dos museus, destacada pela Declaração de Santiago do Chile, de 1972. Os museus são cada vez mais vistos, em todos os países, como tendo um papel chave na sociedade e como fator de promoção à integração e coesão social. Neste sentido, podem ajudar as comunidades a enfrentar mudanças profundas na sociedade, incluindo aquelas que levam ao crescimento da desigualdade e à quebra de laços sociais. 17. Os museus são espaços públicos vitais que devem abordar o conjunto da sociedade e podem, portanto, desempenhar um importante papel no desenvolvimento de laços sociais e de coesão social, na construção da cidadania e na reflexão sobre as identidades coletivas. Os museus devem ser lugares abertos a todos e comprometidos com o acesso físico e com o acesso à cultura para todos, incluindo grupos vulneráveis. Os museus podem constituir espaços para reflexão e debate de temas históricos, sociais, culturais e científicos. Os museus devem também promover o respeito pelos direitos humanos e pela igualdade de género. Os Estados Membros devem encorajar os museus a cumprir todos estes papéis.

Recomendação relativa à proteção e promoção dos museus e das coleções, da sua diversidade e do seu papel na sociedade, 2015. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000246331>

Trad. https://icom-portugal.org/multimedia/documentos/UNESCO_PMC.pdf

3.º Determinação: Determinação, porque acreditamos que podemos estender a ideia e o poder dos museus sociais a territórios que ainda não beneficiam desta ferramenta, que serve a Cidadania e a Dignidade Humana.

Sobre a adequabilidade da Museologia social à realidade chinesa, também tratada pela autora, não nos vamos pronunciar, por não termos um conhecimento suficiente sobre a realidade e seus contextos da Museologia na China

No entanto de um ponto de vista exterior, a adequabilidade da Museologia social a realidade chinesa, não sendo um caminho obrigatório e geral certamente que enfrentará desafios resultantes de processos históricos e de modelo de desenvolvimento seguidos, também não pode ser excluída liminarmente.

É certo que no Ocidente fruto da sua história recente e passada, do modelo de desenvolvimento económico atual, de guerras abertas e clandestinas e outras que se anunciam, muitas das questões que se levantam estão relacionadas com a exclusão social, racismo sistémico e o crescente empobrecimento de grande parte da população.

A Museologia social aparece assim como uma resposta possível a esses desafios baseados em processos comunitários dialógicos que podem contribuir para a sua resolução como pretendido pela referida recomendação da UNESCO de 2015.

Nem receita, nem obrigação, mas apenas uma nova manifestação da luta de classes, que importa compreender, inclusivamente para ultrapassar as suas próprias e inevitáveis contradições.

Questões relativas à profissionalização e especialização no campo da Museologia.

O artigo de Zhou Jingjin levanta a questão da possível quebra de profissionalismo no campo da Museologia normativa, a qual poderia resultar de uma transferência de prioridades na relação dos museus com os seus acervos e com a população em geral, considerando mesmo, que “specialization may stagnate or even regress” Esta preocupação é explicita na seguinte passagem do artigo

For example, Sancho Querol Lorena pointed out that social museology advocates sustainable development through museums, community participation in the definition, and the management of cultural heritage and specimens, also requires community participation. This trend seems to encourage museums to have strong pro-social capabilities, *but in fact it may cause my country's museums to move further away from specialization.*¹⁷

Não vemos como a participação comunitária pode por si só provocar tal efeito, pois para o Museologia social, essa participação é garantia de mais rigor, mais conhecimento e mais envolvimento. Em nosso entender os museus normativos só têm a ganhar quando agregam a participação comunitária, que possa preencher as lacunas (que sempre existem) da formação académica.

Em nosso entender o desenvolvimento das competências profissionais nos vários Campos da Museologia normativa e das disciplinas que lhe estão associadas, História, Arqueologia, Ciências Naturais ao mesmo tempo que a formação especializada nos campos da conservação, restauro, curadoria, gestão, marketing, comunicação e tantos outros são essenciais e devem ser objeto de permanente atualização.

As instituições de ensino têm sabido nos diferentes níveis, propor formações que respondem a estas exigências. Muitas universidades e escolas são referência internacional incontornável, sendo procuradas por estudantes e profissionais, tanto para obter formação básica como formação pós-graduada.

A questão que se pode levantar é a de saber em que medida a formação orientada para os profissionais que lidam com os acervos físicos dos seus museus, responde também às necessidades profissionais para lidar com os acervos compostos pelos desafios sociais que as comunidades enfrentam.

Neste sentido, o mais importante é assegurar que a formação especializada para a Museologia normativa seja a mais completa possível. Mas ao mesmo tempo devemos reconhecer que a formação especializada e profissional para o exercício da Museologia social deve ser igualmente assumida pelas instituições de ensino.

¹⁷ Zhou Jingjing, 136

Também aqui as instituições de ensino estão sujeitas aos contextos sociais e políticos de cada país ou região, e em particular no Ocidente, submissos à ideologia dominante e à colonialidade do poder, do ser e do saber tal como enunciado por Anibal Quijano¹⁸

O que nos parece essencial é que as instituições reconheçam, sem ambiguidades, as necessidades formativas para a Museologia Social e ofereçam formações que habilitem os seus profissionais para a boa gestão dialógica¹⁹, como diria Paulo Freire, dos Museus de base comunitária, visando o exercício da cidadania, da ciência pública e da justiça cognitiva.

Ambas formações são essenciais para o desempenho dos museus quer sejam normativos, quer sejam expressão da Museologia social.

Finalmente, importa reconhecer uma nova realidade, que torna ainda mais complexo o lugar e a função dos Museus na contemporaneidade. Cada vez mais, em particular nos últimos 10 anos, um número crescente de museus normativos passaram a incluir nos seus planos de atividade a realização de ações de responsabilidade, social orientadas por exemplo para a inclusão social, luta antirracista, reforço de identidade ou integração de migrantes. Num processo contrário, Museus e Processos Museológicos que atuam na perspetiva da Museologia social, constituem acervos, maiores ou menores, que de diferentes formas se revelam uteis para reforçar a sua própria atividade.

No entanto forçoso é reconhecer que estas práticas não implicam alterações nas estruturas de funcionamento, nem na alteração dos seus objetivos fundadores. Assim os museus normativos mantêm uma gestão hierarquizada, orientada para as funções tradicionais dos museus, aumentar, conservar e expor os seus acervos, ao passo que os Museus e Processos museológicos continuam a privilegiar práticas dialógicas de base comunitárias orientadas para a superação das *unmet needs* que Alma Wittlin²⁰ assinalava no fim da II Guerra Mundial, imaginando uma Museologia mais ambiciosa, mais aberta sobre o mundo envolvente, mais exigente para consigo própria.

Trata-se, pois, de instituições onde a sua atividade envolve pelo menos 2 conceitos distintos, que exigem formação diferenciada, contemplando ambos na medida do possível.

Este é certamente um novo desafio para as instituições de ensino, e em particular universitárias, às quais estão associadas geralmente áreas orientadas para a investigação científica, que consiste na criação de novas formações graduadas e pós graduadas, capazes de lidar com estas novas realidades, no respeito pela diversidade dos projetos que se assumem *cada um a seu jeito*. Naturalmente que o respeito pelo direito à diferença, deve constituir-se num princípio orientador, excluindo posturas consequentemente antiéticas.

A Museologia contemporânea é multifacetada, tendo objetivos que podem ser partilhados, à condição de rejeitar posicionamentos hegemónicos, reconhecendo por isso o direito à diferença, entre realidades marcadas por contextos diferentes, tal qual como indica a Recomendação da UNESCO de 2015 e a nova definição de Museu aprovado pelo ICOM em 2022.

Referências

- (2005) Quijano, Aníbal, Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina, in A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas, Buenos Aires, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales CLACSO, 117-142. https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf

¹⁸ Quijano, Aníbal, Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina, in A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas, Buenos Aires, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales CLACSO, 2005, 117-142.

https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf

¹⁹ Paulo Freire, Pedagogia do Oprimido, ed. Paz e terra, 23ª reimpressão, Rio de Janeiro ISBN: 978-857-7534180

²⁰ Museums are man-made institutions in the service of men; they are not ends in themselves. (...); Museums have to be considered in the context of life outside their walls; Exposure is not enough (...) exposure of people to experiences, not necessarily results in learning and stimulation; What can museums do, with regard to the *unmet needs* of people? (Wittlin, 1970, pp. 201-204).

- (1967) Foucault, Michel, of Other Spaces, Heterotopias, Architecture /Mouvement/ Continuité, October, 1984 p 46-49 <https://foucault.info/documents/heterotopia/foucault.heteroTopia.en/>
- (2021) Hugues de Varine, Prefácio do livro Primo, Judite. & Moutinho, Mário. Teoria e Prática da Sociomuseologia. Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas. p.15. <https://museologia-portugal.net/apresentacao/livro2021-teoria-pratica-sociomuseologia>
- (2022) Luciana Pasqualucci, Alberto Luiz Schneider, Judite Primo, Mario Moutinho Sociomuseologia, Diversidade e Educação: Por um Currículo Crítico, Plural e Dialógico, Revista e-Curriculum, São Paulo, v.20, n.1, p.319-346, jan./mar., e-ISSN: 1809-3876, Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo –PUC-SP DOI: <https://doi.org/10.23925/1809-3876.2022v20i1p319-346#>
- (1995) Mário Moutinho, A declaração do Quebec de 1984, in A memória do pensamento museológico contemporâneo (Documentos e Depoimentos) org. Marcelo Araujo & Cristina Bruno, Comitê Brasileiro do ICOM, 1995
https://www.mariomoutinho.pt/images/PDFs/Livros_Cap/1995Declaracaoquebec.pdf
- (2011) Peter Davis, Ecomuseums, a sense of place, Bloomsbury Publishing, **2nd Edition**, ISBN: 978-1441157447
- (2008) Su Donghai, The Concept of the Ecomuseum and its Practice in China. Museum international No. 237–238 Vol. 60, No. 1–2, pp 29-39
<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000162037/PDF/162037eng.pdf.multi>
- (1983) Theodor W Adorno, Prisms, Valéry Proust Museum, Series: Studies in Contemporary German Social Thought, The MIT Press; Reprint edition (March 29, 1983) p. 173
- (2023) Zhou Jingjing Chen Meici, Review of interdisciplinary research on “museums and sociology”. Journal of Cultural and Museum Studies (04), 45-55. doi: CNKI:SUN:WBXK.0.2023-04-005.
- (2024). Zhou Jingjing Chen Meici, Integrity and Innovation: Reflections on Sociomuseology, Social Museology and its Applicability in China. Southeast Culture (02), 129-138. doi: CNKI:SUN:DWH.0.2024-02-012.
- (1970) Wittlin, Alma, **Museums: In Search of a Usable Future**, The MIT Press; ISBN: 978-0262230391.